

NOVOS TIPOS ORGANIZACIONAIS E SEUS DESAFIOS: ESTUDO QUALITATIVO NUM EMPREENDIMENTO SOCIAL QUE ASSOCIA TRABALHO, SAÚDE MENTAL E CULTURA¹

Nathália de Sousa Pereira
Universidade Estadual do Ceará - UECE
nathaliaeng.producao@gmail.com

Allan Daniel Dias
Universidade Estadual do Ceará - UECE
allanddias@gmail.com

Jorge Luiz de Souza Evaristo
Universidade Estadual do Ceará - UECE
jorgeluz0807@gmail.com

Lia Chagas de Lima
Universidade Estadual do Ceará - UECE
liac.delima@gmail.com

Ana Cristina Batista-dos-Santos
Universidade Estadual do Ceará - UECE
ana.batista@uece.br

RESUMO

Este artigo compreende as relações organizacionais envolvendo um empreendimento social formado por pessoas do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e profissionais voluntários ligados ou não à instituição. O estudo enxergou a importância da fundação por se originar como um caso de “externalidade” da ação governamental no campo da saúde mental, onde os profissionais envolvidos com o empreendimento social investiram na possibilidade de ressocialização de usuários com transtornos mentais por meio do trabalho ligado à cultura. Através de um estudo qualitativo que se utilizou de abordagens exploratórias e descritivas, estudo de caso e entrevistas, concluiu-se que o bloco carnavalesco cumpre uma importante missão para os usuários ao reinseri-los na sociedade através das atividades culturais e ao ajudar no tratamento de suas patologias, denotando o seu papel terapêutico no âmbito social. Além disso, foram observadas constantes dificuldades devido à falta de apoio financeiro para custear as atividades do bloco.

PALAVRAS-CHAVE: Empreendimento social; trabalho; saúde mental.

¹ Recepção: 14/07/2017.

Aprovação: 20/11/2017.

Publicação: 18/12/2017.

NEW ORGANIZATIONAL FORMS AND THEIR CHALLENGES: QUALITATIVE STUDY IN A SOCIAL ENTERPRISE WHICH ASSOCIATES WORK, MENTAL HEALTH AND CULTURE

ABSTRACT

This paper comprises the organizational relations involving a social enterprise formed by CAPS' (Psychosocial Care Center) patients and volunteer professionals associated or not with the institution. The study noted the importance of the foundation due to its origin as a case of externality of governmental action in the field of mental health, where professionals involved in the social entrepreneurship invested in the possibility of social rehabilitation of the patients with mental disorders through cultural activities. Using a qualitative research with exploratory and descriptive approaches, case study and interview with employees and patients of the institution, it has been concluded that the carnival group performs an important role by reinserting the patients to society and by helping in treatment of their pathologies, denoting its therapeutic role in the social context. Moreover it has been noticed its constants struggles due to its lack of financial support to maintain the group's activities.

KEYWORDS: Social entrepreneurship; work; mental health.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, verifica-se que um número significativo de trabalhadores, que por algum motivo não conseguiram permanecer no mercado formal de trabalho, passaram a buscar uma reinserção em atividades de caráter solidário (BARFKNECHT; MERLO; NARDI, 2006). Percebe-se também que, mesmo entre as pessoas que estão inseridas no mercado formal de trabalho, há um movimento crescente de utilização do tempo livre para o trabalho voluntário, ou mesmo a divisão do tempo de trabalho entre atividades remuneradas e não remuneradas, estas últimas frequentemente de cunho social. Muitas são as nomenclaturas e tipologias de construtos sociais que abrigam esse tipo de atividade, donde se destacam, na atualidade: cooperativismo, associativismo, economia solidária, negócios sociais, organizações sociais, empreendimentos sociais, dentre outros.

Este trabalho adota o termo empreendimento social e o entende como um tipo organizacional específico que reúne pessoas que combinam pragmatismo, compromisso com resultados e visão de futuro para realizar profundas transformações sociais por meio do seu trabalho (ASHOKA, 2016). Os empreendimentos sociais tornaram-se, então, uma opção de trabalho, mesmo que voluntário, por estar assentado sobre o pilar da inclusão social. Em constante busca por soluções inovadoras para diminuir suas dificuldades financeiras, estas organizações buscam manter o foco na geração de benefícios sociais (BUGG-LEVINE; KOGUT; KULATILAKA, 2012).

São diversos os tipos de atividades desenvolvidas pelos empreendimentos sociais, tais como: apoio educacional, integração cultural, assistência jurídica, apoio psicossocial, entre outros. Para Melo Neto e Froes (2002) a ideia do valor o social insere-se nessas multiplicidades de possibilidades de atuação.

Dessa maneira, este texto socializa os resultados de uma pesquisa na qual se estudou um tipo específico e multifacetado de empreendimento social e suas relações sinérgicas com outros dois tipos organizacionais: os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e uma Fundação ligada à cultura. Este empreendimento constitui um tipo organizacional interessante para investigação porque, na prática, se originou como um caso de “externalidade” da ação governamental no campo da saúde mental. De suas atividades profissionais nos CAPS, alguns profissionais investiram na possibilidade de ressocialização de usuários com transtornos mentais por meio do trabalho ligado à cultura. Assim, a fundação enquanto organização de trabalho, amálgama o trabalho de vários tipos de trabalhadores: profissionais da saúde que trabalham nos CAPS, artistas voluntários e usuários do CAPS; todos trabalhando “juntos e misturados”, numa espécie de “cadeia produtiva de saúde”, compartilhando o pressuposto de que o trabalho é meio de cura, de socialização e de ressocialização. A pesquisa esteve, então, orientada pelo objetivo de compreender como o contexto organizacional de um empreendimento social que articula trabalho, saúde mental e cultura.

Observa-se que, na maioria dos estudos, a complexidade do contexto de trabalho nas organizações é vista como um fator que pode acarretar em doenças mentais como patologias relacionadas à depressão (DEJOURS, 1992; VIEIRA, 1998). Entretanto a importância desta pesquisa vai para o caminho oposto, pois mostrará como o exercício do trabalho na vida dos usuários do CAPS pode ajudar, positivamente, nos seus tratamentos. Dessa maneira, o trabalho é colocado na seguinte perspectiva: quando os usuários ocupam seu tempo com

atividades que o façam se sentirem úteis, pode-se ter um benéfico equilíbrio psíquico (ENRIQUEZ, 2001).

Além disso, verifica-se uma ausência de pesquisas que relacionam de forma concomitante empreendimento social ao trabalho, saúde mental e cultura. Os estudos encontrados tratam os temas de maneira isolada (e.g. AUSTIN; STEVENSON; WEISKILLERN, 2006; MOREIRA; VIDAL; FARIAS 2013). Logo, esta pesquisa contribuirá para o preenchimento desta lacuna.

O trabalho está estruturado em seis partes: considerando esta introdução, apresentando o conceito geral da pesquisa, será informado em seguida os materiais e métodos utilizados para a captação dos dados e informações da pesquisa. Posteriormente, será informada a metodologia utilizada para realizar este trabalho, seguido dos resultados da pesquisa de campo. Em seguida será apresentada a discussão do trabalho de acordo com os dados descobertos pela pesquisa em campo e posteriormente serão dadas as considerações finais do trabalho.

2 O EMPREENDEDORISMO SOCIAL

O conceito de empreendedorismo pode ser utilizado tanto na área comercial, como na área social. Em relação ao surgimento e aos conceitos de empreendedorismo social, Rosolen, Tiscoski e Comini (2014) explicam:

A diversidade de nomenclaturas e conceitos ao redor do tema pode ser explicada principalmente pela variedade de realidades em que estes empreendimentos sociais se formam, dados os contextos econômicos, sociais e políticos de cada região. Ademais, como o tema origina de diversos segmentos da sociedade, surgem também concepções particulares ligadas à visão de cada setor sobre o conceito (ROSOLEN; TISCOSKI; COMINI, 2014, p.86).

O termo empreendedorismo social pode até ser considerado novo, mas o fenômeno não. Os empreendedores sociais sempre existiram, mesmo que não fossem conhecidos com esse nome (DEES, 1998). Segundo Oliveira (2004, p. 10), o tema empreendedorismo social “é novo em sua atual configuração, mas na sua essência já existe há muito tempo”. Alguns pesquisadores mostram Luther King, Gandhi e outros como empreendedores sociais, devido às suas capacidades de liderança e inovação quanto às mudanças em larga escala (OLIVEIRA, 2004).

Para Melo Neto e Froes (2002), o empreendedor social é movido a ideias transformadoras e assume uma postura de inconformismo e crítica diante das injustiças sociais existentes em sua região e no mundo. O empreendedor social foca nas questões sociais e o objetivo a ser alcançado é a solução a curto, médio e longo prazo destas questões, buscando propiciar plena inclusão social dos indivíduos envolvidos diretamente.

Conforme Dees (1998), a definição de empreendedorismo social se constrói através do arranjo de diferentes conceitos ligados à atividade empreendedora convencional: geração de valor, inovação e agentes de mudança, busca da oportunidade e utilização máxima dos valores. O autor apresenta os empreendedores sociais como aqueles que: a) são agentes de mudança no setor social; b) adotam uma missão de criar e manter valor sustentável; c) reconhecem e buscam implacavelmente novas oportunidades; d) se engajam em um processo de inovação contínua, adaptação e aprendizagem; e) agem arrojadamente sem se limitar pelos

recursos atualmente em mãos; f) exibem um elevado senso de responsabilidade para com os seus parceiros e o público, e também pelos resultados criados.

O empreendedorismo social, na perspectiva das políticas sociais e mercado de emprego, surge como instrumento de renovação das intervenções sociais, das oportunidades no mercado de trabalho, da criação de novas formas de produção econômica, e da participação social e democrática, criando soluções para necessidades sociais diferentes que não alcançam respostas por parte dos serviços público ou do mercado privado lucrativo (GODÓI-DE-SOUSA, 2010; QUINTÃO, 2004). Nesse sentido, Tan, Williams e Tan (2005) especificam que o empreendedorismo social busca dar atenção para uma parcela mais carente da sociedade.

Há visões alternativas quanto à conciliação ou não da lógica econômica nos empreendimentos sociais. Por um lado, há os que entendem que as atividades realizadas nas empresas sociais são uma resposta a necessidades sociais e devem ser tratadas somente nesta instância. Por outro lado, defende-se também que esses empreendimentos sejam inspirados numa lógica de equacionamento entre a ação econômica e a ação social, ou seja, coloca-se a atividade econômica de mercado para funcionar de forma eficiente para a eficácia de resultados sociais (QUINTÃO, 2004; GODÓI-DE-SOUSA; LOPES; ALVES, 2012). Independe da visão, destacam-se comumente as peculiaridades do empreendimento social em comparação ao empreendimento tradicional, como sumariza o Quadro 1.

Quadro 1 – Diferenças entre empreendedorismo empresarial e empreendedorismo social

Empreendedorismo Empresarial	Empreendedorismo Social
1. É individual	1. É coletivo
2. Produz bens e serviços	2. Produz bens e serviços à comunidade
3. Tem o foco no mercado	3. Foco na busca de soluções para os problemas sociais
4. Sua medida de desempenho é o lucro	4. Sua medida de desempenho é o impacto social
5. Visa a satisfazer as necessidades dos clientes e a ampliar as potencialidades do negócio	5. Visa a respeitar pessoas na situação de risco social e promovê-las

Fonte: Melo Neto; Froes (2002, p.11).

Neste sentido, percebe-se que a ênfase dos empreendimentos sociais repousa em temas como: coletividade, comunidade, problemas sociais, impacto social, risco social, sem, necessariamente, excluir as maneiras próprias aos empreendimentos de mercado de construir caminhos para se chegar às finalidades econômicas ou sociais. Segundo Dacin, Dacin e Tracey (2011), o fato dos empreendimentos sociais possuírem um valor social não exclui o interesse no lucro financeiro, pois é preciso ter alguma forma de sustento para garantir a sobrevivência. Percebe-se uma dificuldade em mobilizar e gerar recursos financeiros no início

desses tipos específicos de empreendimentos (AUSTIN; STEVENSON ; WEI-SKILLERN, 2006).

Um exemplo disto foi observado por Onozato e Teixeira (2013) ao analisarem as principais dificuldades apontadas pelos empreendimentos sociais durante o processo de criação da organização. Os autores apontaram à falta de recursos financeiros e de conhecimento do setor como as dificuldades relacionadas ao desenvolvimento do empreendimento estudado.

3 TRABALHO E SAÚDE MENTAL

Apesar de alguns estudos abordarem o conteúdo do trabalho como um dos fatores que podem está associado ao sofrimento na vida dos trabalhadores a ponto de se transformar em patologias (DEJOURS, 2008; MENDES, 2007), Enriquez (2001) explica que a importância do trabalho também pode ser analisada sobre uma perspectiva psicossociológica como um fator de equilíbrio psíquico nas pessoas.

[...] o homem sem trabalho ou não reconhecido em seu trabalho, ou ainda não encontrando nenhum interesse em seu trabalho, está próximo da depressão e comumente chega a este ponto de ruptura. Pois o trabalho, em nossa sociedade, é o modo privilegiado de fazer uma obra (por menor que ela seja), de existir, de ter (ou de pensar ter) uma identidade. O trabalho é, atualmente, o melhor método para vencer a loucura (ENRIQUEZ, 2001, p. 58).

Como forma de combater o sofrimento - principalmente o psíquico - inerente a atividade laboral, desde 2004, o Ministério da Saúde é uma instituição que defende a adoção de atividades culturais como um método de remediação e prevenção desse tipo de sofrimento. Os CAPS vêm procurando desenvolver junto aos usuários desse sistema de atenção psicossocial, - que sofrem transtornos mentais de diversas ordens - atividades expressivas, culturais e artísticas que possam junto aos demais mecanismos terapêuticos, remediar os efeitos das patologias que essas pessoas possuem e lhes dá a oportunidade de reinserção na comunidade da qual fazem parte (BRASIL, 2004).

Galvanese et al. (2016) relata que para atender a esses objetivos, os CAPS buscam trabalhar em conjunto com outras instituições e empresas - principalmente, aquelas com maior viés cultural e social - de modo a talvez, sanar uma deficiência ou insuficiência do sistema público que sozinho não consegue dar conta do alcance desse objetivo. Por essa razão é que se destaca a relevância de ONGs, Fundações e outros empreendimentos sociais para promoção de espaços de trabalho que permitam a ressocialização, reinserção e extinção do preconceito frente às patologias que acometem a saúde mental.

A mudança do modelo de atenção em saúde mental, com seus componentes de combate ao estigma, elaboração de novas referências conceituais para a questão da 'loucura', do sofrimento mental e seu tratamento, sustentação da ideia do protagonismo e cidadania de usuários e familiares, em síntese, de "construção de um novo lugar social para o chamado 'louco'", certamente que é uma política que fala diretamente à cultura e depende de mudanças no ambiente cultural. Assim, no sentido amplo, o componente cultural não é secundário, mas essencial ao êxito do processo da Reforma [psiquiátrica] (BRASIL, 2007, p.50).

Para Dejours (1992), o exercício do labor pode acarretar a construção de vivências de sofrimento e de vivências de prazer. Para o autor, o contexto de trabalho possui os elementos

necessários para induzir a criatividade e inventividade na mesma medida que possui a capacidade de oprimir e inibir o trabalhador. Por isso, não seria inadequada considerar o surgimento de patologias ou o seu agravamento em virtude do exercício laboral. O autor faz uma crítica nesse sentido, pois observou que as pesquisas em saúde-adoecimento decorrente do trabalho são focadas nas patologias físicas, contudo o autor destaca que o ambiente laboral pode corroborar de maneira, ainda mais intensa, as patologias mentais; e estas, por sua vez repercutem no corpo físico.

Nesse sentido, Vieira (1998) aborda em seu trabalho a relevância das práticas culturais para contextos de trabalho onde existe a incidência de doenças de caráter mental, ou onde se pretende evitar o surgimento dessas. Entretanto, a autora faz uma ressalva ao afirmar que aspectos culturais, também podem incidir no surgimento de doenças. Diante disso, é notória a complexidade do contexto de trabalho e como o uso de determinadas práticas podem propiciar a construção de ambientes promotores da saúde coletiva; ou, em contraposição, a proposição de ambientes que geram o afloramento e agravamento de doenças, sejam estas físicas ou mentais (DEJOURS, 1992; VIEIRA, 1998).

Diante do exposto, esses novos tipos organizacionais de caráter social, voltados à ressocialização das camadas menos favorecidas e marginalizadas da sociedade, através, principalmente, de práticas artísticas e culturais, podem ser agentes capazes de atender a demanda social; suprimindo, ainda, as deficiências do sistema governamental em prover tais práticas de incentivo e promoção da saúde, especificamente, para este trabalho, a saúde mental (VIEIRA, 1998; GALVANESE et al., 2016).

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, pois supre a carência de familiaridade que os cientistas sociais devem ter com o que ocorre nas esferas da vida que se ocupam em estudar (FLICK, 2004). De acordo com os objetivos do estudo pode-se classificá-lo como exploratório-descritivo, pois o estudo foi realizado em uma área de pouco conhecimento, buscando evidenciar as características presentes em determinada população ou em determinados fenômenos em estudo (VERGARA, 2013).

Foi realizada uma pesquisa de campo classificada como um estudo de caso único, pois o *corpus* empírico do estudo é um empreendimento social no qual envolve uma fundação, no Nordeste, em que sua principal característica refere-se aos seus integrantes que são, em sua maioria, pessoas com distúrbios mentais dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). A escolha desse empreendimento se deu em face da acessibilidade ao campo, pois não existem outros empreendimentos da mesma natureza no estado, o que configura esta instituição como um caso extremo ou marginal, pois na presente pesquisa procurou-se obter informações sobre um caso incomum e extremamente específico (FLYVBJERG, 2006). Seu campo de estudo é institucional, pois conforme Pires (2008) no campo institucional o *corpus* empírico e o universo de análise são do mesmo meio.

O estudo foi realizado no período de março a agosto de 2016, cujos sujeitos pesquisados foram de dois tipos diferentes: pessoas (usuários) com distúrbios mentais dos CAPS e os profissionais da área de saúde mental, ambos funcionários voluntários da fundação. Ao total foram entrevistados três usuários: Maria (Adrecista), João (Coordenador

de Alegoria e Produção Artística) e Pedro (Administrador de Mídias Sociais), e duas profissionais: Ester (Gestora) e Joana (Supervisora). Ressalta-se que foram dados nomes fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

Para a análise dos dados coletados foi utilizada a técnica desenvolvida por Bardin (1977) para análise de conteúdo categorial. Para ajudar no desenvolvimento do trabalho foi utilizado o software Atlas Ti®. Desta análise surgiram três temas para facilitar a visão do estudo: História, Papéis e Objetivos, e Dificuldades. Em complemento, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo proposta por Minayo (2013) na qual consiste em analisar os conteúdos em perspectiva qualitativa e chegar a dimensões além da mensagem.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de transcritas e categorizadas todas as entrevistas, estas foram tomadas como uma narrativa totalizante sobre o objeto de estudo. Da análise foram identificados três grandes temas: i) história; ii) papéis e objetivos; e iii) dificuldades. Através da discussão dos resultados encontrados nos temas, foi possível analisar as características do empreendimento estudado.

5.1 HISTÓRIA

No que se refere à história, foi possível identificar, através da fala dos entrevistados, dois subtemas. No primeiro foram encontrados dados que remetem ao início da fundação e no segundo foram identificados dados sobre a história de vida dos usuários e os motivos que os levaram a entrar na fundação.

No subtema dados históricos identificaram-se no relato dos funcionários não usuários falas que contam como o bloco carnavalesco, uma das principais atividades da fundação, foi iniciado. “A ideia foi a partir da Ester, ela é apaixonada pela cultura, inclusive ela já coordenou o centro de cultura X, o teatro Y, então ela tem uma visão extraordinária sobre a cultura e sobre a inserção dessas pessoas nesses equipamentos culturais” (Joana).

Corroborando com a fala de Joana, Ester diz ser gestora cultural por ter dedicado a maior parte da sua vida à gestão pública da cultura. Por conta da sua vivência com ação cultural, e por gostar de trabalhar com a questão da saúde mental, surgiu a oportunidade de trabalhar na implantação de um projeto da prefeitura, onde o objetivo era inserir artistas nas equipes dos CAPS.

O Senhor A, que é um psiquiatra que também trabalha com arte, foi convidado pela prefeitura da cidade para implantar um projeto onde a gente inseriu artistas nas equipes é [...] de promoção de saúde, nas equipes dos CAPS não é? Do Centro de Atenção Psicossocial, isso dentro de uma perspectiva da reforma psiquiátrica, realmente de é dos CAPS serem aquele espaço onde as pessoas com transtorno seriam tratadas no seu próprio território, não é? Sem perder os vínculos com a sua comunidade (Ester).

De acordo com Ester, no decorrer do projeto foram realizadas várias ações culturais como luaus, concursos de pipa, pintura grafite, além de grupos de trabalho com arte, dança e música com o intuito de vincular o CAPS à comunidade e a comunidade ao CAPS. Durante uma oficina de confecção de máscaras de carnaval, Ester percebeu que os usuários ficaram empolgados e a partir daí nasceu a ideia do bloco carnavalesco.

No caminhar dessa ação eu percebi em uma oficina de máscara de carnaval que aquela atividade tinha uma potência mobilizadora, né, e usuários do CAPS ficaram muito envolvidos, aí meio que de brincadeira propus para a equipe, mais até para equipe de trabalho é [...] que nós fizéssemos um bloco para a gente ir para a avenida [...] onde a intenção inicial seria chamar atenção para o preconceito das pessoas com transtorno mental e com essa coisa mesmo de questionar o que é a normalidade, não é? Qual é essa linha o porquê dessa separação, não é? (Ester).

Ester relata que no primeiro ano conseguiu um trio elétrico com um amigo, pois por não ser um bloco oficial não podiam usar a estrutura disponibilizada pela prefeitura. Nesse primeiro ano, uma média de 100 pessoas, entre usuários e profissionais da área de saúde, foi para a avenida sem nenhum compromisso. Ester conta que a experiência foi tão boa que no ano seguinte foram de novo, mas dessa vez com mais estrutura, mais usuários participando e trabalhando uma temática muito importante para os usuários do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), a questão da dependência química.

No primeiro ano, eu consegui um trio elétrico, nós não tínhamos direito de usar a estrutura do desfile da Avenida porque não éramos um bloco oficial, éramos bloco de sujo, bloco alternativo, mas aí eu consegui um trio elétrico, talvez fosse uma estrutura até maior do que a que a prefeitura estava usando naquela época, com uma pessoa amiga e tal aí nós fomos sem nenhum compromisso, sem participar [...] No ano seguinte fizemos novamente [...] Já foi crescendo, não é? Já tinha mais gente mais usuários envolvidos a gente já fez uma coisa mais estruturada, pegando o carnaval como mote para trabalhar nos CAPS AD a questão da dependência química, não é? Porque muitos usuários dos CAPS têm muito medo do carnaval, o bloco [...] quebrou um paradigma (Ester).

Após receber vários *feedbacks* positivos, por conseguir possibilitar aos usuários curtirem carnaval sem consumirem álcool e droga, no terceiro ano Ester começou a fazer o pré-carnaval no bairro nos dias de sábado, e assim o bloco fez três anos como bloco de sujos. No quarto ano, Ester decidiu participar como bloco oficial, concorrer aos editais, pois até então eles não possuíam nenhum recurso.

No quarto ano eu fui para uma reunião da associação de blocos de carnaval e disse que nós seríamos bloco oficial, que nós iríamos concorrer aos editais, não é? Porque até então ninguém tinha recurso, recurso zero, era se arrumava fantasia a gente inventava coisas que a gente ia concorrer. Claro que aí teve um mal-estar terrível porque era muito confortável, a gente abria às 17h era bacana, mas eles não queriam mais um concorrente (Ester).

O surgimento da fundação corrobora com os achados de Galvanese *et al.* (2016) que relata em sua pesquisa que o CAPS busca trabalhar em conjunto com outras instituições e empresas no intuito de promover espaços de trabalho que permitam a ressocialização, reinserção e extinção do preconceito frente às patologias que acometem seus usuário. Assim, a presente pesquisa vai ao encontro de Vieira (1998) ao caracterizar a fundação como agente capaz de atender a demanda social ao prover atividades de incentivo e promoção da saúde.

Relacionado à história de vida dos usuários e os motivos que os levaram a entrar na fundação, foi identificado a partir da fala dos trabalhadores usuários ao relatarem como conheceram a fundação e as razões pelas quais ainda continuam no mesmo.

Não, todo carnaval elas mandam as fantasias para os CAPS, aí eu não ia, sempre eu nem gostava de vestir, eu ia só para assistir. Quando foi em 2012 eu vesti a fantasia, aí eu fui brincar, não é? E gostei, aí depois passou, passou aí veio, veio para nós ficar assistindo a reunião aqui sobre o bloco, não é? Aí foi aí que eu me interessei de ficar aqui fazendo as coisas do bloco (Maria).

Comecei no ano de 2010 como usuário. Ai uma pessoa, um profissional do CAPS me convidou para participar do bloco Doido é Tu, ai me fizeram esse bendito convite. Ai eu comecei a participar dos pré-carnavais não é? Tanto pré-carnavais como os eventos do Doido é Tu não é? Eventos afora, por exemplo, no centro de eventos, outros eventos em geral (Pedro).

A partir das narrativas dos funcionários não usuários foi possível perceber que o primeiro contato com a fundação foi feito pelo CAPS por meio de um profissional da área de saúde, e que após esse primeiro contato eles se identificaram com a proposta do empreendimento social e decidiram continuar. Percebe-se que a fundação proporciona um envolvimento coletivo, comunitário e com valor social. Logo, pode-se caracterizá-la, conforme a classificação de Melo Neto e Froes (2002) como um empreendimento social.

5.2 PAPÉIS E OBJETIVOS

A partir do relato dos entrevistados, foi possível identificar o tema Papéis e Objetivos, composto por dois subtemas: Função Social e Função Terapêutica. A principal função social da fundação é o valor intrínseco de, segundo Ester, “chamar atenção para o preconceito das pessoas com transtorno mental” e “questionar o quê que é a normalidade”. Todas as atividades da fundação, desde os desfiles do bloco carnavalesco nas ruas junto com usuários, parceiros e admiradores até as oficinas e outras atividades de ensino realizadas na fundação, giram em torno dessa função social.

Além do tratamento disponibilizado pelo CAPS, o medicamentoso, a fundação “dá oportunidade àquelas pessoas que estão fragilizadas, que estão desestruturadas, de criarem alternativas de convivência” (Ester). Chamar atenção da população para o preconceito da sociedade com as pessoas com transtornos mentais e problemas psicológicos é um tema comum também nas letras das composições do bloco carnavalesco da fundação que são tocadas e cantadas durante o carnaval do grupo na rua e nos ensaios.

Teve um ano que a gente fez uma música que dizia “doido é o teu preconceito, eu tenho direito de ser diferente, sorrir, cantar, pular, amar e trabalhar igual a toda a gente” [...] “Tão dizendo que eu sou doido, eu respondo Doido é Tu, Doido é Tu” [...] “Estou rasgando dinheiro, dando cambalhota, estou rindo à toa, [...] Hoje estou feliz, estou alegre pra chuchu, se disserem que eu sou doido eu respondo Doido é Tu” (Ester).

Percebe-se então a grande importância de inclusão social que a fundação pratica com usuários, reinserindo-os pouco a pouco na sociedade e readaptando-os à convivência social não apenas com as famílias, mas também com os cidadãos em geral. Na opinião de Ester isto caracteriza uma aproximação das diferenças. Além disso, este movimento de inclusão é um dos requisitos necessários para caracterizá-la como um empreendimento social conforme explicam Melo Neto e Froes (2002).

Durante a entrevista, Ester dá o exemplo da situação de um usuário com transtorno mental mais sério, “ele passava o dia jogando pedra nos ônibus e apanhava da polícia frequentemente”. A convivência de trabalho na fundação como participar dos ensaios de música fez com que o usuário melhorasse, deixando de ter atos violentos na rua e passando a ter melhores relações com as outras pessoas na fundação. Ao relatar sobre a mudança do usuário na forma de se relacionar com as pessoas, Ester acrescenta que hoje: “Ou ele está dizendo palavrão ou ele quer beijar exageradamente [...] É uma mudança [...] Os

profissionais do CAPS ficam assim super admirados como essa mudança se processa”. Isto confirma o que Enriquez (2001) explica sobre a importância do trabalho e de atividades no equilíbrio psíquico das pessoas.

A fundação como um empreendedorismo social não estipula perfil ou cria um filtro de seleção para quem entra na instituição. Todos são convidados a colaborar, pois é possível participar usuários do CAPS e não usuários que tenham interesse solidário em contribuir com o trabalho da fundação na sociedade. Esse tipo de postura condiz com os valores de quebra de preconceitos e do esforço que a fundação busca contribuir para uma sociedade mais aberta às diferenças entre indivíduos. A entrevistada Ester explica sobre o bloco carnavalesco que a fundação proporciona: *“Não existe seleção, o bloco além dos usuários do CAPS, hoje tem muitas pessoas que não são usuárias, artistas, tem muita gente. É o maior bloco na avenida. Nós saímos com 600 pessoas”*.

A reinserção na sociedade começa desde quando os usuários entram na fundação e começam a participar das atividades de trabalho. Os usuários percebem que eles *“têm essa potência de vida”* (Ester), *“as pessoas elas sabem que têm o potencial, começam a se agregar ao bloco e começa a perceber que pode ajudar, e aí que vincula com a fundação (Joana)”*. Esse potencial de vida é percebido pelos usuários e pouco a pouco vão se consolidando dentro da fundação. *“Esse ano, por exemplo, foi muito maior o número de usuários que começou a participar das atividades de forma autônoma, quando eu digo autônoma é por iniciativa dele, não pela imposição”* (Ester).

Esta participação social e democrática na fundação reflete um dos elementos-chave do empreendimento social que, segundo Quintão (2004) e Godói-de-Sousa (2010), surgem como renovações nas políticas sociais e no mercado de trabalho. Durante a entrevista, Joana afirmou que *“esse ano a gente teve a felicidade de ter uma bateria com os próprios usuários. Até ano passado a gente tinha, mas eram poucos usuários, não era só com os usuários”*. Percebe-se que a inclusão social dos usuários no bloco carnavalesco da fundação modificou a forma como eles enxergam o carnaval, ensinando-os através do trabalho outras formas de se relacionar e celebrar festividades.

Quebrou um paradigma, assim, porque antes eles se escondiam no carnaval para não consumir drogas porque o carnaval teria esse apelo [...] o bloco proporciona para eles e para os profissionais dos CAPS um aprendizado muito grande assim no sentido de que é possível sim construir outras formas de cuidado (Ester).

A fundação, em diversas situações, acaba revertendo os processos institucionais dos tratamentos dos usuários. Segundo Ashoka (2016) podemos entender que houve uma transformação social típica do empreendimento social, nesse caso, com a ressignificação do papel que cuidadores e cuidados desempenham dentro da instituição.

De repente está lá o profissional (psicólogo) na posição de aluno de um usuário do CAPS nas oficinas de adereço. Ele e outros usuários. Acho que a gente causa uma desordem [...] A gente meio que desorganiza um pouco (risos) essa coisa institucional sabe, de que existem os detentores da saúde e do saber e os pacientes, os usuários né. E isso é muito legal, eu acho isso muito bacana (Ester).

Boa parte dos parceiros do bloco carnavalesco é também formada por artistas que contribuem na fundação realizando aulas, oficinas e outras atividades artísticas que instiguem a capacidade criativa dos usuários do CAPS na fundação, configurando uma espécie de trabalho integrado em rede: CAPS, Fundação e Bloco carnavalesco. Deve-se ter cuidado que

apesar da importância da atuação dos usuários na fundação, Ester destaca que eles (os artistas) “*não deveriam se colocar em um papel ou assumir um papel de arte terapeuta*”, e sim “*que eles deveriam ser artistas com uma possibilidade ou com uma missão de gerar oportunidades, de criação, de expressão artística e de ação cultural*” e com essas atividades eles possam “*vincular o CAPS à comunidade e a comunidade ao CAPS*”, ampliando assim o potencial de transformação social.

Verifica-se que, por parte dos usuários, o mais importante é a participação e a união entre eles. Saber o momento de cada um e como ajudar nos momentos difíceis é algo valorizado por todos: “*aqui a gente se tornou um corpo só e sã [...] porque quando qualquer um de nós está com qualquer coisa, [...] já trata de acolher de uma forma para levantar a moral*” (João).

Temos a função de acolher e ser acolhido, de ensinar e aprender, e o melhor de tudo, viver sem preconceito. Porque aqui nós não temos preconceito uns com os outros, nós temos a cautela com o paciente de acordo com a necessidade em que ele tem. Então assim, o que nós temos é esse, nós temos que ver qual a patologia daquela pessoa, e nos adequar para eles sejam bem-vindos e queira voltar outras e outras vezes, nós não temos a cultura de exclusão, nossa cultura é só de inclusão (João).

É evidente que a cultura de inclusão da fundação é bem captada e difundida pelos usuários que são ativos e buscam cada vez mais ajudar outros usuários na adaptação e convivência deles no bloco carnavalesco e nas atividades em geral da fundação que se estendem ao longo do ano. Autores como Ashoka (2016) e Bugg-Levine, Kogut e Kulatilaka (2012) declaram que esta inclusão e o benefício gerado por esta cultura são o foco de empreendimentos de cunho social. Confirmando o caráter de inclusão, Maria afirma que “*qualquer pessoa pode participar, pode vir ajudar, pode fazer qualquer coisa*”. Essa cultura de inclusão também envolve um valor de difusão de conhecimento.

Aqui nós estamos sempre passando conhecimento de um para o outro, porque o meu sonho é o seguinte: é que minha equipe que a gente está trabalhando aqui [...] Quando um sair, o corpo não fica manco. Então assim é o que eu tenho lutado aqui, é para que todos tenham o meu conhecimento e que eu consiga ter o conhecimento deles também. (João).

No subtema função terapêutica é possível perceber dois núcleos de sentido. O primeiro é o tratamento por funções, ou seja, o tratamento a partir do trabalho que o usuário exerce na fundação e o segundo é o tratamento através das relações com as outras pessoas que trabalham no mesmo ambiente.

Através da fala dos funcionários não usuários é possível perceber esse tratamento, quando Joana diz que “*é um processo muito mais terapêutico do que um trabalho*”, pode-se notar a ação curativa que o empreendimento traz para os usuários. Ester também acredita no potencial de cura da arte e acha que muitas vezes ela pode fazer mais pelo paciente que o próprio medicamento. “*João, por exemplo, ele trabalhava em construção, mas ele era um ótimo pintor, ótimo desenhista. E a partir dos desenhos ele começou a produzir fantasias adereços e começa como um processo terapêutico*” (Joana).

Eu sempre tive uma tese de que a arte é algo essencial a todos nós, porque a arte é geradora de saúde mental e que todo o ser humano, ele tem uma potência criativa, não é? Que se você ativa lá e dá oportunidade essa coisa vem e que você aceitar isso é estruturante, não é? Tem estrutura. Então e isso eu percebo na prática, e isso as pessoas que tão nos CAPS, os profissionais também percebem, que muitas vezes

a arte é capaz de fazer mais do que aquele medicamento faz, não estou negando não aqui a importância não da medicação (Ester).

Para a funcionária Ester, percebe-se que após entrarem na fundação, alguns usuários mudaram, positivamente, a forma de se relacionarem com as pessoas. Além disso, Joana fala da sua sensação ao perceber que os usuários estão melhorando, se desenvolvendo e que essa melhora é observada pelas famílias também “[...] mas assim no resumo mesmo do usuário e do familiar, é muito gratificante, né. Uma sensação de dizer “realmente as pessoas estão se curando”. Estão bem, estão se desenvolvendo nessa perspectiva da doença”.

Começa-se a enxergar os resultados do cunho social da fundação na vida das pessoas (usuários ou não), transformando por meio trabalho a as relações entre os atores organizacionais: “O Empreendedor Social aponta tendências e traz soluções inovadoras para problemas sociais e ambientais [...] ele (a) acelera o processo de mudanças e inspira outros atores a se engajarem em torno de uma causa comum” (ASHOKA, 2016). O contato dos usuários em tratamento com outros usuários tem ajudado na ação curativa, porque eles não se veem somente como um paciente, mas como alguém que pode entender o outro, ajudar, conversar e evoluir junto.

Então aqui eu sou pintor, sou desenhista, sou carpinteiro, marceneiro, sou paciente e sou cuidador. Porque tem dia aqui que chega outros pacientes que vem bem agitado, bem [...] precisando de um apoio moral, um apoio [...] de uma massagem de uma coisa... então a gente acolhe. Então no momento da acolhida a gente é um tratador, mas tem aqueles momentos em que a gente está um pouquinho avariado, então tem outras pessoas que chegam e também vão acolher a gente (João).

Essa semana, o João [...] Eu estava assim sabe, triste, preocupado com minha família porque eu... Nessa semana, semana foi horrível para mim... Não quero nem lembrar que me dá vontade de chorar [...] Mas o João me deu um conselho pra eu poder não ficar triste e funcionou (Pedro).

5.3 DIFICULDADES

Entre as dificuldades do empreendimento, as mais citadas entre as entrevistadas responsáveis pela gestão da fundação, são as dificuldades financeiras, as relações entre os usuários e os cuidados que as gestoras e os usuários ativos na fundação têm com os outros pacientes durante suas atividades na instituição. Para melhor entendimento, primeiro foram analisadas as dificuldades percebidas para as gestores entrevistadas e depois para os trabalhadores usuários.

No início, essa dificuldade financeira já era uma realidade que, segundo a gestora Ester, ao anunciar na associação de blocos de carnaval da cidade, afirmou “até então ninguém tinha recurso. Recurso zero. Era ver se arrumava fantasia e a gente inventava coisas que a gente ia concorrer” (Ester). Boa parte das atividades cotidianas da fundação foi custeada pelas supervisoras, pois a maioria dos usuários voluntários na fundação são pessoas com baixa renda. Isto vai de acordo com a opinião dos autores Tan, Williams e Tan (2005) sobre a atenção e oportunidade que os empreendimentos sociais dão a pessoas mais carentes.

Joana que afirmou ter essa “dificuldade do recurso do dinheiro pra fazer com que eles fiquem o dia todo lá, porque a gente precisa manter toda a fundação, na parte de estrutura física como também tem a alimentação para eles” (Joana), chegando a casos em que os

próprios usuários e também funcionários do bloco acabavam custeando, por exemplo, alimentação para continuar o trabalho no empreendimento.

Tanto para as pessoas se manterem, porque, por exemplo, o quê que acontece hoje, nós estamos sem nenhum centavo de recursos, mas todo dia eu tenho pelo menos dez pessoas lá na fundação e almoçam lá. Eles vão de manhã, aí eles ficam lá na oficina de ateliê fazendo uma coisa ou outra, aí almoçam lá, ou então vão para a bateria. Como funciona, a gente tem consulta médica gratuita na fundação, duas vezes na semana temos dois voluntários. Aí se pede a doação de quilo de alimento, então eles fazem o almoço com essa coisa da doação. E aí, a mistura como eles chamam, eles se cotizam e fazem (Joana).

Percebe-se que a questão financeira é uma preocupação para a supervisora Joana, fazendo-a concluir que, apesar dos prazeres e satisfações em trabalhar na instituição e ajudar os usuários no tratamento de seus problemas, o fator financeiro de não poder custear atividades no grupo para que o bloco circule mais sempre acaba pesando. A gestora Ester é mais enfática nas dificuldades ao nomear diversas necessidades para a instituição:

O quê que é necessário para isso? Ter recurso para dar os vales-transportes dos que precisam. Ter recurso para pagar pessoas que possam estar dando outras oficinas lá o ano todo. Ter recurso para os eventos que são necessários às vezes, seria interessante serem feitos. Então para a própria estrutura da fundação, funcionar melhor, ter recepcionista, ter secretária, entendeu? Sempre (Ester).

A gestora Ester também informa que apesar dos problemas financeiros, ela enxerga oportunidades que podem contornar essas dificuldades no futuro como formas de angariar fundos para as atividades contínuas do empreendimento. Observa-se que este posicionamento vai de encontro com o que Dacion, Dacion e Tracey (2011) explicam sobre os empreendimentos sociais buscarem garantias de sobrevivência sem que se exclua o seu valor social. Essa relação entre a ação financeira e a ação social precisa encontrar um balanceamento em que a atividade econômica do empreendimento funcione de forma eficiente para que os resultados da ação social sejam eficazes (QUINTÃO, 2004; GODÓI-DE-SOUSA; LOPES; ALVES, 2012).

Soma-se ao fato de que a dificuldade financeira torna-se uma preocupação para os gestores com relação aos usuários que participam ativamente da fundação, pois talvez eles não conseguissem trabalhar em outras empresas. Ester explica o caso do usuário João: “João é uma pessoa com uma potência imensa de criação, ele jamais [...] vai trabalhar numa empresa com o transtorno que ele tem, porque hoje ele quer fazer, amanhã se ele quiser fazer nada, ele não vai fazer nada”. Dessa maneira, busca-se saídas para que a fundação gere renda para estes usuários como uma forma de reerguê-los diante de suas patologias e condições de trabalho.

Outra dificuldade encontrada pela gestão do empreendimento é a criação de sinergia entre os profissionais do CAPS para abrir os olhos quanto à importância da fundação na saúde dos usuários da instituição assistencial. Segundo Joana, “a ideia é fazer com que todos os CAPS todas as questões de saúde mental se envolvam, mas nem todo mundo se envolve [...] acha que é besteira, não ajuda [...]”. A supervisora chega a citar que muitos dos profissionais do CAPS acreditam que a fundação seria uma perda de tempo e não ajuda na melhoria dos pacientes com suas patologias, o que acaba sendo um desafio “de como a gente lida diariamente com essas situações né, de as pessoas não estarem bem quando você vai trabalhando isso, quando você vai acionando os equipamentos” (Joana).

O cuidado com os usuários, principalmente durante os momentos da apresentação do bloco carnavalesco nas ruas, é outra dificuldade encontrada pelas gestoras da fundação para que a saúde dos pacientes não seja prejudicada pela oferta de bebida e outras drogas durante o evento.

O desafio também é dentro da perspectiva do AD é fazer com que esses usuários, quando eles estão na avenida, eles não vão procurar bebida, que é um desafio para a gente né. Sobretudo dos profissionais de referência que estão ali acompanhando porque geralmente essa questão do carnaval se assemelha muito com a bebida, e aí a gente vai sempre trabalhando isso com eles. (Joana).

Esse cuidado também envolve a relação entre os usuários. As gestoras tentam intervir de forma que a relação não atrapalhe nem o trabalho e muito menos a convivência entre os pacientes na fundação. A gestora Ester explica o caso de um usuário que mostrou ter uma melhoria grande com relação ao seu comportamento e à sua patologia.

Os profissionais do CAPS ficam assim, superadmirados como essa mudança (do usuário) se processa [...] Primeiro a convivência de ele ser aceito. E foi difícil porque como ele atrapalhava muito os ensaios, os outros mesmos (ficavam) “ah não! Vamos dizer para ele que é outro dia” Ai eu dizia “gente espera aí... O quê que ele está ensinando para a gente? [...] Nós estamos aqui lutando contra o preconceito, com pessoas que têm transtorno, não é isso que vocês querem? A inclusão? Como é que vocês querem excluir ele? “. Então eu estou aprendendo muito com ele (Ester).

Já com relação aos usuários, as dificuldades enxergadas por eles também estão relacionadas a questões financeiras. “As condições de trabalho, por enquanto está sem recursos” (Pedro), porém as exigências não são muitas. Alguns dos usuários desejam pelo menos o básico para ter condições de ir trabalhar na fundação. Segundo a usuária Maria, “o recurso aqui é pouco, né, mas para eu vir para cá, só quero o meu transporte, aí eu me sinto feliz de vir para cá todo dia. 6h eu já estou em pé”. Durante a entrevista com o usuário João, relatou-se um uso mais econômico de materiais para elaborar os produtos das alegorias do bloco, indicando o comprometimento dos próprios trabalhadores usuários no uso racional dos recursos para que a organização de trabalho continue sendo possível.

Percebe-se que mesmo possuindo dificuldades financeiras, a fundação procura organizar seus recursos para que sempre tenham materiais para as aulas nas oficinas de artes em geral. A economia feita pelo grupo é para que se haja uma forma mais sustentável financeiramente a fim de viabilizar as produções do bloco carnavalesco e das outras atividades da organização. João explica: “Porque se chegar mil reais aqui para nós, para um serviço, ele vem para a gente comprar o material. Não vem para a passagem, não vem para alimentação, não vem para a água, não vem para a luz”.

O usuário João também lamenta pela situação de abandono que a instituição sofre pelo Estado. Segundo ele, “não temos aqui aquele apadrinhamento, nem pelo estado, nem pelo município, nem por ninguém. Aqui tudo que a gente faz é correndo atrás, e o resto é se ralar como quiser” (João).

Outra dificuldade encontrada pelos usuários da fundação está ligada à vivência com os outros usuários, principalmente os novatos, que, apesar das relações e da comunicação não serem conturbadas, em alguns momentos precisam de bastante cautela para saber lidar com situações mais delicadas, como é o caso dos pacientes com problemas com álcool e drogas.

A gente já tem muita cautela porque são dependentes químicos, e às vezes um álcool que a gente tem, tem que guardar um vinagre que a gente tem aqui, (nós) temos que guardar então naquele dia que eles vêm para cá, a gente tem que formular uma oficina de forma que todos eles trabalhem e que não dê margem a nenhum deles a infringir a regra do seu próprio corpo, da sua própria cabeça (João).

Observa-se que tanto para as gestoras quanto para os usuários ativos na fundação, as dificuldades são sentidas quase igualmente. Existem tanto as preocupações com os problemas financeiros da fundação quanto com a atenção que tanto as gestoras têm com os usuários novos quanto os próprios usuários ativos têm com os novatos na fundação.

5.4 ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO EMPREENDIMENTO ESTUDADO

A partir da análise e discussão dos resultados foi possível observar características presentes na fundação que corroboram com o que a literatura explica sobre empreendimentos sociais. O quadro 2 mostra estas características a partir dos conceitos de Melo Neto e Froes (2002).

Quadro 2 – Características do empreendedorismo social visualizadas na fundação

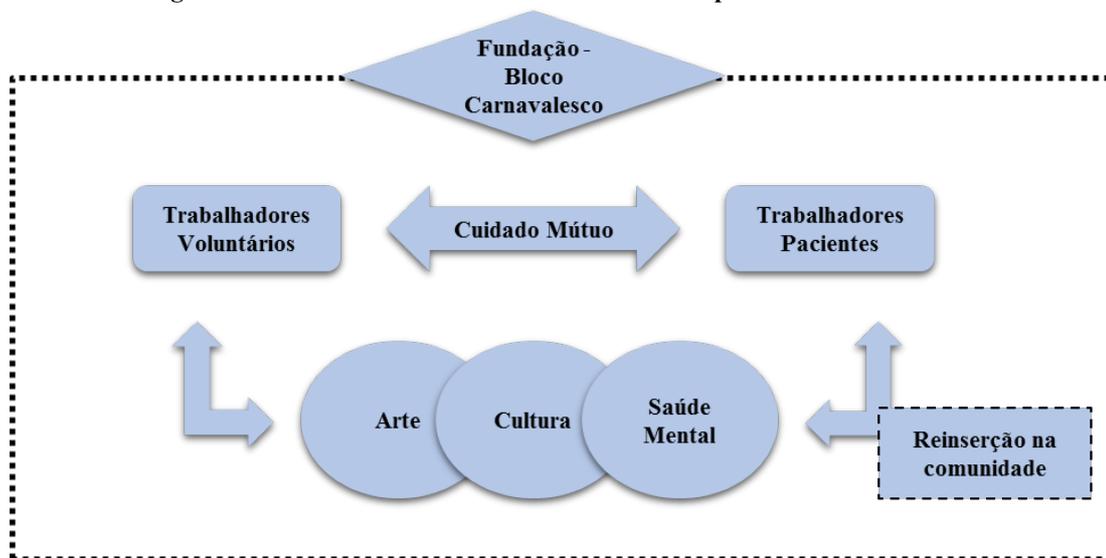
Empreendedorismo Social	Fundação estudada
1. É coletivo	1. Envolvem funcionários que são usuários em tratamento nos CAPS, funcionários não usuários e voluntários que se colocam a interesse de serviço coletivo.
2. Produz bens e serviços à comunidade	2. Percebe-se que a fundação impacta na comunidade ao proporcionar as funções sociais e terapêuticas. Além disso, envolve a região com atividades socioculturais.
3. Tem o foco na busca de soluções para os problemas sociais	3. Visualiza-se que o papel e objetivo da organização são voltados para ressocialização de pessoas que têm a oportunidade de participar de atividades socioculturais de trabalho. As atividades da fundação influenciam positivamente em problemas sociais como depressão, desemprego e vícios de bebidas e drogas.
4. Sua medida de desempenho é o impacto social	4. O seu desempenho não é medido pelo lucro, mas pelo o impacto social gerado na região à medida que aumenta o número de usuários que iniciam e dão continuidade nas atividades da fundação.
5. Visa a respeitar pessoas na situação de risco social e promovê-las	5. Por mais que se encontrem situações adversas, busca-se compreender as dificuldades e características de cada usuário e incluí-lo no segmento de trabalho para mostra-lo que ele pode ser útil para a sociedade.

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Além do elenco dessas características, a partir dos dados coletados, foi possível construir um framework sintético dessa dinâmica laboral mutante e diferenciada que apresenta-se estruturada de forma mais didática na figura 1. A partir desse framework, torna-se mais compreensível como é complexa a relação entre os dois tipos de trabalhadores - voluntários e pacientes/usuários do CAPS - tal que as setas que os relacionam estão sempre

postas em duplo sentido, pois esses agentes apresentaram um tipo de relação, em que durante o cotidiano laboral, por vezes, há a inversão de papéis, tal que quem deveria ensinar aprende, e que deveria estar cuidando, é cuidado.

Figura 1 - Framework da dinâmica laboral do empreendimento estudado



Fonte: elaborado pelos autores (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs, como objetivo geral, compreender como o contexto organizacional de um empreendimento social articula trabalho, saúde mental e cultura. O empreendimento social estudado foi uma fundação composta por trabalhadores voluntários usuários do CAPS e não usuários. Por meio das técnicas utilizadas foi possível fazer uma análise que revelou aspectos importantes a respeito das relações de trabalho desse empreendimento.

A importância desta pesquisa volta-se para a questão de que este estudo trouxe um exemplo de que o trabalho como forma de ocupação pode ter uma influência positiva no tratamento da saúde mental dos funcionários. Neste aspecto, a análise mostrou que apesar de algumas teorias serem a favor de que o trabalho pode provocar estresse e até mesmo o adoecimento nas pessoas, para este estudo ocorreu o contrário. Em vez de intensificar as patologias, as atividades de trabalho realizadas por este empreendimento social mostraram ser benéficas para o tratamento de patologias dos trabalhadores.

Para que o trabalho não se limitasse à teoria, buscaram-se junto aos trabalhadores voluntários usuários, saber como eles se sentem em relação à fundação e ao trabalho que realizam. Além disso, analisou-se a perspectiva do ponto de vista dos funcionários não usuários para entender como eles lidam diretamente com a gestão da fundação alinhada ao trabalho, as dificuldades e as atividades desempenhadas pelos usuários do CAPS.

Utilizando-se dos dados levantados na pesquisa de campo foi possível identificar três grandes temas: história, papéis e objetivos, e dificuldades, que emergiram durante a análise de

conteúdo. Desta forma, conclui-se que esse empreendimento trabalha a inclusão social dos usuários do CAPS reinserindo-os na sociedade por meio de atividades socioculturais.

Foi observado que no contexto organizacional, em relação ao trabalho na fundação, é desempenhado um papel terapêutico ajuda no tratamento das patologias dos usuários do CAPS. Além disso, o trabalho dos voluntários usuários no bloco modificou a forma como eles se vivenciam o carnaval, ensinando-os a se relacionar e aproveitar de acordo com suas limitações como restrições a bebidas e outras advertências devido às suas patologias.

Em adição, também foi possível apreender do discurso dos entrevistados, elementos que auxiliam na compreensão da dinâmica laboral desse contexto específico, que objetiva através da cultura e da arte, promover um bem-estar físico e psíquico e corrobora o tratamento de uma doença através de outros mecanismos que não sejam os medicamentos - citados em alguns momentos como menos eficientes, frente às vivências observadas neste contexto de trabalho único. Outra característica única deste empreendimento é a relação de cuidado mútuo entre pacientes e voluntários.

A pesquisa mostra indícios - principalmente nas falas das gestoras - que este empreendimento é fator gerador de saúde e bem-estar mental não só para os pacientes diagnosticados clinicamente como possuidores de uma enfermidade psíquica, mas também para os voluntários, que encontram nas atividades realizadas na fundação, não só um meio de colaborar com a reinserção social dos pacientes do CAPS, mas uma forma de aliviar suas próprias tensões e se realizarem profissionalmente e pessoalmente enquanto ensinam e aprendem.

Quanto às dificuldades, percebeu-se que um dos maiores desafios enfrentados pela fundação está na falta de apoio financeiro para custear as atividades ao longo do ano. Observa-se que a ausência ou escassez de recursos financeiros nos empreendimentos sociais impactam diretamente no desenvolvimento e amadurecimento destes. Conforme visto na análise do estudo, ainda há uma displicência por parte dos governantes em darem um melhor apoio a esta fundação que tanto colabora para diminuir problemas sociais e comunitários da região. Logo, espera-se que este estudo desperte a atenção do Governo e das pessoas em geral sobre a importância e o impacto que os empreendimentos sociais possuem na sociedade.

Por fim, essa pesquisa proporcionou um melhor entendimento a respeito do contexto laboral de um empreendimento social ligado a saúde mental. Devido à existência de poucas contribuições acadêmicas acerca do tema, esta pesquisa possibilitará para trabalhos futuros estudar outros empreendimentos sociais e investigar se a dinâmica de trabalho analisada é própria desse caso único, ou ainda, se existem outras fontes não observadas, mas que talvez, exista em outros casos de empreendimentos sociais do mesmo tipo em outros contextos ou contextos similares ao estudado.

Referências

ASHOKA. **Site institucional**. Disponível em: <<http://www.ashoka.org.br>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? **Entrepreneurship Theory and Practice (ETP)**, v. 30, n. 1, p. 1-22, 2006

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

- BARFKNECHT, K. S.; MERLO, A. R. C.; NARDI, H. C. Saúde mental e economia solidária: análise das relações de trabalho em uma cooperativa de confecção de Porto Alegre. **Psicologia & Sociedade**, v. 18,n.2. p.54-61, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: acesso ao tratamento e mudança do modelo de atenção**. Relatório de Gestão 2003-2006. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_gestao_saude_mental_2003-2006.pdf> Acesso em: 8 out. 2017. 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf> Acesso em: 8 out. 2017. 2004.
- BUGG-LEVINE, A.; KOGUT, B.; KULATILAKA, N. **Um novo jeito de financiar empreendimentos sociais**. Harvard Business Review, 2012. Disponível em: <<http://hbrbr.uol.com.br/um-novo-jeito-de-financiar-empreendimentos-sociais/>>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- DACIN, M. T.; DACIN, P. A.; TRACEY, P. Social Entrepreneurship: a critique and future directions. **Organization Science**, v. 22, n. 5, p. 1203-1213, 2011.
- DEES, G. J. **The meaning of “social entrepreneurship”**. Disponível em: <<http://www.redalmarza.cl/ing/pdf/TheMeaningofsocialEntrepreneurship.pdf>> Texto original criado em: 31 out. 1998. Reformado e revisado em: 30 mai. 2001. Acesso em: 03 dez. 2016.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.
- DEJOURS, C. Addendum: da Psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. ed. 2 Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 49-106, 2008.
- ENRIQUEZ, E. Instituições, poder e "desconhecimento". In Araújo, J. N. G.; Carreiro, T. (Orgs.), **Cenários sociais e abordagem clínica**, São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, p.49-74. 2001.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. ed. 2, Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FLYVBJERG, B. Five misunderstandings about case study research. **Qualitative Inquiry**. v. 12, n. 2, p. 219-245, 2006.
- FORTALEZA NOBRE. **O carnaval fortalezense**. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2011/09/o-carnaval-fortalezense.html>> Acesso em: 30 out. 2016.
- GALVANESE, A. T. C. *et al.* Arte, saúde mental e atenção pública: traços de uma cultura de cuidado na história da cidade de São Paulo. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 23, n.2, p. 431-452, abr./jun. 2016.
- GODÓI-DE-SOUSA, E. **O processo sucessório em associações produtivas no Brasil: estrutura, desafios e oportunidades**. São Paulo. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. 2010.
- GODÓI-DE-SOUSA, E.; LOPES, J. E. F.; ALVES, M. B. F. **Empreendimentos Sociais: os desafios da produção à comercialização**. XXXVI Encontro da ENANPAD, Rio de Janeiro, 2012.

- MELO NETO, F. P.; FROES, C.. **Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método, pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 29-61, 2007.
- MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MOREIRA, V.; VIDAL, F. A. D.; FARIAS, I. Q. Empreendedorismo Social e Economia Solidária: Um Estudo de Caso da Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável da Comunidade do Grande Bom Jardim. In: XXXVIII ASSEMBLEIA DO CONSELHO LATINOAMERICANO DE ESCOLAS DE ADMINISTRAÇÃO. Lima, Peru, 2003. **Anais...**Lima, CLADEA, 2003.
- OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios. **Revista da FAE**, Curitiba, v.7, n. 2, p. 9-18, jul./dez. 2004.
- ONZATO, E. ; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo social e a criação de uma organização do terceiro setor: o estudo de casa da aliança empreendedora. **Revista de desenvolvimento regional**, v. 18, n. 1, p. 43-66, jan/abril, 2013.
- PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J. ; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPIÈRE, A.; ROBERT MAYER, R.;PIRES, A. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos I** tradução de Ana Cristina Nasser.- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- QUINTÃO, C. **Empreendedorismo social e oportunidades de construção do próprio emprego**. In: Seminário trabalho social e mercado de emprego. Porto, 28 abril 2004. Disponível em: <http://isociologia.pt/App_Files/Documents/working4_101019094043.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.
- ROSOLEN, T.; TISCOSKI, G. P.; COMINI, G. M. Empreendedorismo Social e Negócios Sociais: um estudo bibliométrico da publicação nacional e internacional. **Revista interdisciplinar de gestão social**, v. 3, n. 1, jan./abr., p. 85-105, 2014.
- TAN, W.-L.; WILLIAMS, J.; TAN, T.-M. Defining the ‘Social’ in ‘Social Entrepreneurship’: altruism and entrepreneurship. **International Entrepreneurship and Management Journal**, n. 1, p. 353-365, 2005.
- VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa Em Administração**. 14 ed. São Paulo: Atlas, 2013.
- VIEIRA, S. B. A necessidade de contextualização cultural das práticas psi: considerações preliminares. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 295-306, 1998.